

**UM DIÁLOGO FENOMENOLÓGICO COM A EDUCAÇÃO SOCIAL:
EXPERIÊNCIAS DE UM EDUCADOR**

**APHENOMENOLOGICAL DIALOGUE WITH SOCIAL EDUCATION:
EXPERIENCES OF AN EDUCATOR**

Vitor Gomes¹

RESUMO: Trata-se de um artigo que utiliza o método fenomenológico de pesquisa, apresentando os conceitos de *epoché*, redução fenomenológica, versão de sentido, bem como algumas variantes deste tipo de pesquisa. Com o intuito ilustrativo, desvela a história de um educador social, um músico conceituado que viajou com orquestras por diversos lugares e sua formação na prática do dia a dia como educador social. Neste sentido, desvela uma psicopedagogia pragmática/vivida, na qual, utiliza o humor como ponte de aproximação e intervenção junto aos seus alunos. Por fim, o artigo conclui com uma reflexão acerca da importância de realização de outras pesquisas fenomenológicas como possibilidades de apresentação e leituras da realidade, desvelando assim, outras maneiras de ser e fazer pesquisa em fenomenologia.

PALAVRAS-CHAVE: fenomenologia, educação social, psicopedagogia.

ABSTRACT: This is a article that uses the phenomenological research method, presenting the concepts of *epoche*, phenomenological reduction, sense version, as well as some variants of this type of research. As an illustrative purpose, it unveils the story of a social educator who was a highly regarded musician that traveled with renowned orchestras to different places, and his daily training in the practice as a social educator. In this sense, he unveils a pragmatic/live psychopedagogy, in wich he uses humor as a bridge of approach and intervention with his students. Finally, the article concludes with a reflection on the importance of other phenomenological researches as possibilities of presentation and readings of reality, thus revealing, other ways of being and doing research in phenomenology.

KEYWORDS: phenomenology, social education, psychopedagogy.

Introdução

Em meio a uma crise de paradigmas, nos quais, modelos de ciência, políticos, metodológicos (muitas vezes) não satisfazem plenamente a ânsia

¹ Doutor em Educação. Professor do Departamento de Teorias e Práticas Educacionais/Centro de Educação - Centro de Educação- Universidade Federal do Espírito Santo. vitor.gomes@ufes.br

Rev. Fac. Educ. (Univ. do Estado de Mato Grosso), vol. 20, ano 11, n.2, p. 127-137, jul./dez. 2013.

humana pela busca de respostas (BRANDÃO, 1994), surge a fenomenologia, que enaltece o caráter de subjetividade do qual toda teoria está imersa. Não se trata de apresentar respostas, ou ainda, a superioridade de uma teoria em relação a outra, mas pelo contrário, apresentar uma possibilidade de análise diante a realidade.

Neste sentido, como produto humano, crê que todas as análises são sujeitas a falhas e, sobretudo, são indissociáveis a imperfeição humana. Desta forma, não existe pesquisa indissociável ao ser pesquisador, as suas inadvertências. Acredita então, na composição da pesquisa com a percepção, vivência e interpretação de realidade de quem a realiza.

Seja partindo de um sujeito encarnado merleau-pontyano, seja anteparado por uma abordagem filosoficamente (mais próxima) do idealismo de Husserl, seja por uma análise interpretativa de Heidegger, a fenomenologia observa a realidade numa busca por uma hermenêutica investigativa, delineando seus contornos (às vezes cobertos por um véu), numa busca pela essência não estática das coisas, desta forma, sujeita as temporalidades.

Dentro de suas concepções compreende a necessidade do distanciamento do pesquisador com seu objeto de pesquisa, mas que este não significa uma total separação entre o Eu e o outro, mas pelo contrário, que esta relação orgânica no ato de pesquisa é uma possibilidade para desvelar e destacar o fenômeno com maior vividez, brilho e “pureza”.

Assim o olhar fenomenológico (em termos terminológicos) destaca, ao invés de “descobrir”, com intuito de imergir no fenômeno para apenas clarificá-lo. Assim, a fenomenologia tem como premissa trazer à tona a essência, o elemento mais profundo que se possa humanamente se observar, crendo que esta (observação) será permeada pela percepção ontológica do pesquisador, portanto por sua imbricação do ser e do fazer.

Este artigo, por meio de princípios fenomenológicos, abordará a história de um educador social, apresentando sua forma de ser e agir, dentro de seu ofício, no qual, evidencia uma abordagem psicopedagógica baseada em suas características pessoais e seu processo de apropriação do que é ser/estar imerso dentro da educação social.

Para isso, é necessário, antes de tudo, conhecer um pouco sobre a fenomenologia e suas concepções iniciais e depois o modo fenomenológico de ser e fazer pesquisa.

A Fenomenologia: conceitos e método(s)

Etimologicamente a fenomenologia é o estudo do fenômeno que se apresenta, no intuito de ir ao encontro das coisas mesmas (eidos). Neste sentido, é fortemente influenciada pelo existencialismo filosófico e acredita numa relação intrínseca entre sujeito e objeto rompendo com essa dualidade.

Um dos preceitos básicos da fenomenologia é a abertura ao fenômeno por meio de várias reduções (afastamento das concepções prévias) e exaustivas análises procurando buscar a essência deste, o fenômeno em seu estado “puro”, essencial e primitivo.

O grande precursor da fenomenologia é Franz Brentano (GOMES, 2004) que influencia Edmund Husserl, criador e formulador de suas principais concepções, e que posteriormente influencia teóricos como Sartre e Merleau-Ponty.

Um dos aspectos do pensamento fenomenológico é que o fenômeno existe, independente da observação do pesquisador, assim o papel deste é seu desvelamento, com o intuito de evidenciá-lo.

A busca se iniciacom sua abertura ao fenômeno, da sensibilidade e “intuição” para que, num primeiro momento, exista o s distanciamento, bem como, um mergulho existencial dentro dele.

O método fenomenológico permite diversas variantes (MOREIRA, 2002), pois cada pesquisador é norteado por perspectivas individuais/particulares de homem-sociedade-mundo.

Entretanto, evidenciando um panorama geral enxergasse os nuances e contornos da maneira fenomenológica de ser e fazer pesquisa. Para isto destacam-se os conceitos de desocultamento e intencionalidade.

Quanto ao primeiro, refere-se a tarefa do pesquisador detornar claro o fenômeno tirando deste a venda metafórica que o cobre. Para que este ocorra, são necessários procedimentos e exaustivas análises buscando alcançar sua essência.

Quanto à intencionalidade, se refere a estar voltado para algo, permeado pela consciência, pois a consciência está relacionada sempre a um objeto. Desta forma, é um ato geral de estabelecer sentidos, compostos também pela percepção e apropriação da realidade.

Além dos conceitos descritos, existem passos constituintes da pesquisa fenomenológica (FORGHIERI, 1993). O primeiro deles *epoché*, se trata suspensão do fenômeno no intuito de torna-o destacado dentreos outros acontecimentos presentes no campo visual do pesquisador. O objetivo é a

busca do nível pré-reflexivo, que não significa partir do marco zero, mas sim, da condição em que recusa conceitos prévios/ou teorias explicativas. Trata-se do distanciamento para enxergar o fenômeno de forma mais clara e, neste intuito, afastar-se de qualquer crença inicial sobre este.

O segundo passo é a *redução*, que se refere ao mergulho existencial dentro do fenômeno destacando-o em partes, por meio, de sua divisão em unidades de significado (BICUDO, 2000), para que, num estado final de compreensão, possa ser evidenciado pela interpretação fenomenológica.

Um fato de destaque é que a concepção fenomenológica não tem o mesmo contexto platônico de separação do mundo sensível, mas pelo contrário, é histórica e contextual.

Em termos de instrumentos para coletas de dados, existe uma estratégia semelhante em suas diversas variantes (MOREIRA, 1994). Dentre estes estão: a entrevista, descrição escrita de experiências, relatos autobiográficos (escritos ou orais) e a versão de sentido (AMATUZZI, 2010) que vem frequentemente sendo utilizada. Trata-se da descrição do fato imediatamente após sua vivência, com intuito de manter a riqueza de dados da percepção temporal.

Quanto as variantes do método consistem no número de passos da pesquisa. Para MOREIRA (1994, p.117) o pioneiro na sistematização (de um método fenomenológico) foi Van Kaam em 1959, tendo cinco passos definidos: 1- a obtenção de um núcleo de experiências comuns, 2- separar unidades de significado, 3- eliminar o desnecessário, 4- identificar os constituintes descritivos (uma linha comum nos dados coletados) e 5- análise dos dados.

Mais conciso que Van Kaam, o método fenomenológico de Sanders apresenta três passos (SANDERS, 1982): 1- a determinação de seus limites (o que e quem será observado), 2-coleta de dados e 3- análise fenomenológica de dados. Sanders ressalta (quanto à abordagem e análise) que os assuntos subjetivos são os candidatos mais pontuais para as pesquisas fenomenológicas.

Por último, o método fenomenológico de Giorgi (o mais utilizado). Consiste em quatro passos: 1- leitura geral da descrição para um senso geral, 2- divisão em unidades de sentido, 3-avaliação das unidades de sentido de acordo com a perspectiva do pesquisador e 4- estruturação da experiência a partir de uma percepção de um todo devidamente articulado (ANDRADE; HOLANDA, 2013).

Neste artigo optou-se por três possibilidades de pesquisa fenomenológicas com o intuito de ilustração do “como” se desenvolve sua ação, entretanto, as variantes são inúmeras. Entretanto, apesar da diferença

de passos entre métodos, existe um núcleo comum sintetizado na necessidade de evidenciação do fenômeno para (posteriormente) sua maior compreensão.

Apresentado os conceitos iniciais da fenomenologia, será apresentada a história de um educador, a partir de uma pesquisa cujo viés fenomenológico se faz presente a começar de suas análises e sentidos, expressos diante as experiências vivenciadas (AMATUZZI, 2010) e, assim, indissociáveis ao pesquisador e seu caráter encarnado na pesquisa (MERLEAU-PONTY, 1994).

A história de Chaplin, um educador social

Ao longo de qualquer carreira profissional é possível conhecer “personagens” que poderiam ser protagonistas de filmes de diversos gêneros, não exatamente reais, mas sim, metafóricos. Dentre esses personagens um educador social será chamado aqui de Chaplin, nome simbólico intuído a partir da sensibilidade artística e dimensão cômica desse personagem.

Chaplin, tem cerca de 42 anos, é um virtuose dentro do universo do violão. Bacharel em música, ele estudou com grandes nomes, tocou com orquestras, viajou pelo país, gravou discos, conheceu músicos de prestígio, etc. Entretanto, apesar de toda essa “bagagem” ele vive uma vida economicamente muito simples. Numa conversa com ele, expressa uma frase bastante rica de significados. Com certo orgulho diz: “eu já estive na frente dos holofotes (e dá um intervalo de segundos) ... pena que holofotes só trazem luz, mas não dinheiro.” Assim, ele desvela seu orgulho do passado, mas ao mesmo tempo, lamenta a sua falta de reconhecimento no meio musical.

Este educador vive num bairro de periferia da Grande Vitória-ES, tendo uma vida bastante simples. Não dispensa sua sinuca e cerveja, sendo rodeado de pessoas da comunidade, que segundo ele, não sabem muito bem o significado de sua história e gostos eruditos. Contudo, o que se nota é que essas servem como eco para suas piadas e brincadeiras (BERGSON, 1988).

Chaplin torna-se um educador social, sendo este momento de conhecimento de um novo mundo; uma nova realidade cheia de adversidades e sem holofotes. Mas precisava do emprego, tinha uma criança sobre responsabilidade, um filho para educar. Sendo assim, abdica da vida de músico erudito para se dedicar a educação social.

Nas palavras de Chaplin:

Caramba! Logo que eu cheguei na educação social, a coisa foi pesada.. Muitas crianças gritando, poucos recursos financeiros e, principalmente, um baque para mim, que estava acostumado

a grandes concertos, a glamour. Foi como se me tirassem de um castelo e me jogassem no meio de um deserto.

E acrescenta:

Mas foi essa vivência dura que me formou como educador social. Não foram as aulas de didática, não foi estudar. Foi o vivenciar na carne daquela realidade, a princípio estranha pra mim, mas que se transformou em parte importante da minha vida. Ser educador social para mim, foi um processo de transformação. Eu não nasci, eu me tornei um educador social!

Com o passar dos anos Chaplin, já “transformado” em um educador social desvela que guardou dentro de si, herdado da música erudita, o objetivo de sensibilizar artisticamente as crianças, tentando reduzir essa imensa distância entre música clássica e a realidade daquelas crianças em risco social.

Com o intuito de evidenciar o conteúdo universal da arte e, de que sensibilidade não é algo destinado a uma classe social, o mesmo músico metódico se converteu num educador dedicado e compreensivo acerca do caráter incluyente de seu ofício.

A princípio, as adversidades foram grandes, principalmente no que dizia respeito a conhecer a história de cada criança. Muitas narrações não eram agradáveis de se ouvir: pais violentos, fome, convivência com a marginalidade. Mas foram exatamente estas falas que funcionaram como um martelo que esculpiu nesse músico um educador social.

Conforme Incubes (2008, p. 3):

Em síntese, educação popular é um fenômeno de produção e apropriação dos produtos culturais, expresso por um sistema aberto de ensino e aprendizagem, constituído de uma teoria de conhecimento referenciada na realidade, com metodologias (pedagogia) incentivadoras à participação e ao empoderamento das pessoas, com conteúdos e técnicas de avaliação processuais, permeado por uma base política estimuladora de transformações sociais e orientado por anseios humanos de liberdade, justiça, igualdade e felicidade.

A partir de sua inserção e apropriação da realidade, Chaplin evidencia que seu grande instrumento de familiarização foi o seu lado cômico, que serviu como ponte até seus alunos e colegas de trabalho, servindo como um auxílio prazeroso de enfrentamento das adversidades que se apresentavam cristalizadas pela sensação do novo, do diferente.

Assim, humor não era apenas prazer, mas uma possibilidade de diálogo com outra realidade e pessoas. O Cômico era uma possibilidade psicopedagógica inconsciente ou intuída/sentida de adentrar aquela realidade; humor era o elemento comum às duas realidades. Humor era diálogo!a!

Sobre essa questão Lins (2002) enaltece que o discurso é diálogo, sendo este compreendido num esforço conjunto entre falante e ouvinte na construção de um sentido, em que o ato de falar pressupõe o ato de ouvir. E resgata Tanen na afirmação que produzir sentido no mundo é fazer conexões entre as coisas presentes e as que experimentamos ou ouvimos falar.

Assim, o uso do cômico por Chaplin era sua ponte auto e hetero construtora de sentidos dentro daquela realidade. Em outras palavras, era a ligação entre o EU e o outro, no processo de autocompreensão daquele educador numa outra realidade.

O humor como prática psicopedagógica: desvelando Chaplin

Sobre a questão das dificuldades de intervenção do educador social, deve-se levar em consideração os fatores de risco que os jovens estão imersos. Contudo, suas ações devem ser uma forma preparatória para projeção (preparação) de sua intervenção em si.

Numa prática de intervenção Caliman (2000) enaltece a necessidade da identificação dos fatores de risco e sua relação como elemento desmotivador do sujeito educando.

A partir do risco/adversidade é preciso estabelecer as estratégias de intervenção com crianças em programas sociais, mas é necessário enaltecer que as próprias crianças (de forma consciente ou não) desvelam demandas/carências/necessidades.

Um exemplo disso é a fala de uma aluna. Numa lembrança sobre esse fato e, um pouco emocionado Chaplin, lembra da frase dita por ela: “eu queria que você fosse meu pai, porque você me faz dar risada”!

Dessa forma, a criança evidencia sua demanda, ela precisava de carinho, de atenção, de ser ouvida, é a isso que Chaplin obedece, usando sua arte como forma de interação e o cômico como ferramenta dialogal.

Dentro do processo de (auto)formação de Chaplin, articula um saber psicopedagógico intuitivo a sua prática com as crianças, adaptando-o a sua necessidade de aproximação delas, tornando o ensino da música mais lúdico e prazeroso a todos, inclusive a si mesmo.

Conforme Santos (2008, p.1):

Esse percurso, como experiência que vem se construindo, é movido pelo desejo de não ficar indiferente às possibilidades de articulação do saber psicopedagógico ao contexto escolar, através de uma práxis que dialoga com as necessidades, transformando o saber individual em saber coletivo. Assim, gera práticas mais consistentes, que respeitam a singularidade de cada um, permitindo que a equipe escolar consiga lidar com as resistências e os desafios como resultado da sua própria aprendizagem (Grifos do Autor).

Esse procedimento que culmina na elaboração de táticas de enfrentamento e intervenção se dá de forma intuitiva, por isso, Chaplin não planejou sua intervenção, mas sim, agiu com sensibilidade a realidade que se apresentava. Diante a isto, desvela seu humor, em seu ofício de ser educador, por vezes educa(dor), de educar a dor do outro e, com isso, educar também sua própria dor.

Ao longo do período convivido com esse educador, permanecem frases lembradas que podem ser interpretadas como recortes de sua psicopedagogia como educador social. Foram recortes que apresentam a sua forma de ser educador e os “moldes” que se constituem suas práticas de intervenção com crianças em risco social.

Dentre as diversas frases² (ditas por ele) é possível elencar: *O meu humor não é a negação de minha dor, mas a afirmação de minha alegria*. Essa elocução expõe dentro da subjetividade de Chaplin, sua forma de encarar o mundo e, de certa forma, sua maneira de ser um educador social com práticas existencialistas. Tendo ele consciência (ou não) de sua postura existencialista, suas ações assim se apresentam, as quais expõe na frente dos holofotes simbólicos (agora outros) e, a partir desses, afirma sua forma de ver o mundo.

Ele possui adversidades e, não as nega, mas as coloca num muro, metralhando-as com seu sorriso e, assim, se apresenta como um “ditador” cômico, que transforma “tudo” em comicidade. Desvela assim, sua forma de ser resiliente e propiciadora de resiliência ao outro. Não é apenas humor; é amor; é cuidado, pois o EU que cuida do outro é também o que cuida de si.

Numa outra frase de Chaplin: *A música é apenas meio, eu quero apresentar aquelas crianças é a possibilidade de ser cidadãos*. Aqui se evidencia seu caráter e formação como educador social, pois, para ele, a música se

²Essas frases foram retiradas de uma conversa e (fenomenologicamente) identificadas como unidades de significado.

transforma numa possibilidade dialógica para a formação de cidadãos e inclusão social.

Não a inclusão que significa meramente divisão de espaços físicos, mas sim, a subjetividade inclusiva (GOMES, 2010), que significa compactuar com o outro a realidade, respeitando-o em sua diferença.

Sobre a questão da reflexão das práticas Celuy (2008), lembrando Epicuro, evidencia:

Quando se é jovem, não se pode evitar de filosofar e, quando se é velho, não se deve cansar de filosofar. Nunca é muito cedo ou muito tarde para cuidar de sua alma. Aquele que diz que não é ainda, ou que não é mais tempo de filosofar, parece àquele que diz que não é ainda, ou não é mais tempo de atingir a felicidade. Deve-se, então, filosofar quando se é jovem e quando se é velho, no segundo caso [...] para rejuvenescer ao contato do bem, pelas lembranças dos dias passados, e no primeiro caso [...] afim de ser, ainda que jovem, tão firme quanto um velho diante do futuro.

As frases de Chaplin delinham o caráter de reflexão de suas práticas subjetivas com seus alunos, a reflexão é algo tão importante quanto as práticas em si, pois a reflexão é o momento de sua autoavaliação. Neste sentido e, parafraseando a frase de Epicuro, a reflexão é indispensável para se manter vivo, para se manter jovem e enxergar a realidade que o cerca. Acrescida a reflexão, é mister uma prática psicopedagógica engajada e de cuidado com o outro.

Assim este artigo, evidencia alguns elementos da prática pedagógica de Chaplin, compreendendo que o caráter subjetivo de sua formação é vivenciada na experiência com o outro.

Trata-se de uma pedagogia (não/extra/trans) escolar que apresenta um aprendizado para a vida. Do aprendizado da ética, do cuidado com o outro, da criticidade, da sensibilidade, do fraterno, do ser cidadão.

Estes são os cerne que compõem as lições de ensino-aprendizagem dentro de uma perspectiva de educação social (de Chaplin) que se volta para o ser humano e, assim, afasta-se de conhecimentos enciclopédicos e potencializa a formação para cidadania.

Considerações Finais

A maneira fenomenológica de pesquisa significa envolvimento, sendo esta cristalizada pelo interesse descritivo minucioso dos fatos, acreditando que cada detalhe significa o delineamento dos contornos de um fenômeno, e

que este caráter metódico de apresentação, influenciará no processo posterior de análise dos dados.

Dentro deste artigo, resultado de uma pesquisa realizada, o nome Chaplin foi intuído/sentido a partir de um segundo momento da pesquisa, cristalizado pelo mergulho reflexivo (FORGHIERI, 1993) no momento de análise/interpretação de seus dados.

Assim, seu nome se desvela como forma de destaque de sua comicidade, constituindo assim, num sentido-sentido³ sobre suas intervenções realizadas com as crianças e visualizadas durante a pesquisa (AMATUZZI, 2010).

Encerrando, esperasse que a partir desse artigo, seja possível visualizar uma das formas/possibilidades de pesquisa fenomenológica. Assim, entendendo que esta é composta pela singularidade na percepção do fenômeno, espera-se que outros pesquisadores sintam-se estimulados para este tipo de pesquisa e, assim, apresentem outras possibilidades de se fazer pesquisa em fenomenologia.

Referências

ANDRADE, Celana Cardoso; HOLANDA, Adriano Furtado. *Apontamentos sobre Pesquisa qualitativa e pesquisa empírico-fenomenológica*. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103166X2010000200013&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 22 ago. 2013.

AMATUZZI, Mauro Martins. *Por uma psicologia humana*. São Paulo: Alínea, 2010.

BERGSON, Henri. *O riso: ensaio sobre a significação do cômico*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

BICUDO, Maria Aparecida Viggiani. *Fenomenologia: confrontos e avanços*. São Paulo: Cortez editora, 2000.

BRANDÃO, Zaia (org). *A crise dos paradigmas e a educação*. Cortez: São Paulo, 1994.

CALIMAN, Geraldo. *Promoviere la resilience educativa: daí fattori di rischio ai fattori protettivi. Lix dalla Fondazione*, Roma: Ups, 2000.

CELUY, Roberta Hundzinski Damásio. Michel Foucault e o cuidado de si. *Revista espaço acadêmico*. Disponível em: <<http://www.espacoacademico.com.br/073/73damasio.htm>>. Acesso em: 18 out. 2008.

³ O sentido singular e apropriado (pelo pesquisador) da experiência vivenciada.

FORGHIERI, Yolanda Cintrão. *Psicologia fenomenológica: fundamentos, método e pesquisas*. São Paulo: Pioneira, 1993.

GOMES, Vitor. *Três formas de ser resiliente: (Des)velando a resiliência no espaço escolar*. 159 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-graduação em educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2004.

_____. *Jovens depois da chuva: um estudo fenomenológico sobre a resiliência*. São Paulo: Clube de Autores, 2010.

INCUBES. *Educação Popular*. Disponível em: <http://www.proex.uel.br/intes/downloads/a_educacao_popular.doc>

Acesso em: 10 nov. 2008.

LINS, Maria da Penha Pereira. *O humor nas tiras em quadrinhos: uma análise de alinhamentos e enquadres em Mafalda*. Vitória: Grafter, 2002.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *A Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

MOREIRA, Daniel Augusto. *O Método fenomenológico na pesquisa*. São Paulo: Pioneira Thomsom, 2002.

SANDERS, Patrícia. Phenology: a new way of viewing organizational research. *Academy of Management Rewiew*, v. 7. n. 3, 1982.

SANTOS, Rose Mary da Fonseca. *Psicopedagogia institucional: uma experiência fundamentada na epistemologia convergente*. Disponível em: <<http://www.abpp.com.br/abppprsul/artigos/artigos2007/psicopedagogia-institucional-revisado.doc>>. Acesso em: 17 out. 2008.

Data de recebimento: 30.08.2013

Data de aceite: 07.01.2014